

ANEXO 1: Informação mostrada ao público na *Promoção* de 2019

Página 1:

PROMOÇÃO

Página 2:

INDIQUE O PRODUTO OU SERVIÇO PRETENDIDO

Página 3:

ENTREGUE O VALOR RESPECTIVO (SE APLICÁVEL)
E
RETIRE/OBTENHA O PRODUTO/SERVIÇO DESEJADO

Página 4:

SAIA, E DÊ LUGAR À PESSOA SEGUINTE

Página 5:

Abrço – 0 Eur	Cabelo – 90 Eur
Beijo – 0 Eur	Tshirt – 8 Eur
Carícia – 0 Eur	Camisola – 15 Eur
Dentada – 0 Eur	Calças – 17 Eur
Chicotada – 0 Eur	Soutien – 0 Eur
Luta – 0 Eur	Cuecas – 0 Eur

Página 6:

PRETENDE ADQUIRIR O PRODUTO NORMAL OU HIGIENIZADO?

ANEXO 2: Informação mostrada ao público na *Promoção* de 2020

Página 1:

PROMOÇÃO

Página 2:

INDIQUE O PRODUTO OU SERVIÇO PRETENDIDO

Página 3:

ENTREGUE O VALOR RESPECTIVO (SE APLICÁVEL)

E

RETIRE/OBTENHA O PRODUTO/SERVIÇO DESEJADO

Página 4:

SAIA, E DÊ LUGAR À PESSOA SEGUINTE

Página 5:

Abrço – 0 Eur

Cabelo – 90 Eur

Beijo – 0 Eur

Tshirt – 8 Eur

Carícia – 0 Eur

Camisola – 15 Eur

Dentada – 0 Eur

Calças – 17 Eur

Chicotada – 0 Eur

Soutien – 0 Eur

Corde – 0 Eur

Cuecas – 0 Eur

Luta – 0 Eur

Momento a Sós – 0 Eur

Dança – 0 Eur

Página 6:

PRETENDE ADQUIRIR O PRODUTO NORMAL OU HIGIENIZADO?

ANEXO 3: Depoimentos recolhidos aquando da *Promoção* de 2019

Uma performance contínua onde estamos num sonho de desejos obscuros e/ou vidas passadas.

N.P.

O encontro com esta proposta deixa tudo em aberto para o espectador se confrontar consigo próprio. Com a sua timidez ou com o seu atrevimento. Com a sua necessidade ou com o seu desejo. Vi-me naturalmente nestas ambiguidades e a ter de percorrer esse espectro dentro de mim próprio. Arrisquei pouco da primeira vez a que assisti e senti vontade de arriscar mais da segunda. Iria mais longe, talvez, se tivesse havido uma terceira. Seja qual for a palavra, “afecto” é a que me ocorre dentro do território que a performance percorre, desde o toque até à nudez. É um momento de contacto “analógico” que se tem tornado grandemente raro por razões mil. O posicionamento da Carla foi de “venda” descontráida e de aceitação da vontade do comprador. Sem marketing agressivo e sem julgamento. O silêncio fez parte dessa política e deixou-nos o ónus da participação envolvida e “incriminatória” de nós próprios. Se alguém, no limite, lhe quis ver o corpo, viu ela mais a sua alma.

R.S.

Para mim a performance foi essencialmente original, surpreendente, e sem pretender ser simpática, foi sem dúvida a que gostei mais. Receei sinceramente que pudesses sair dali careca, pensei que eu própria não teria coragem para fazer aquilo. Achei muito oportuna a inspiração no tema “Black Friday”.

M.J.R.

O teu silêncio era desconcertante e dava-te autoridade. Isso obrigou-me a tentar entender o que se passava através da informação escrita que puseste à nossa disposição. Através de gestos – os braços cruzados, o bater de pé – mostraste-te impaciente com a nossa hesitação em escolher um produto. Achei isso divertido mas intimidante. Senti que me devia apressar. Vi que os produtos incluíam peças de roupa como o teu soutien e passou-me pela cabeça comprá-lo, mas não te quis expor aos olhares do público, embora desejasse expor-te ao meu. Por pudor, escolhi produtos relativamente inócuos: uma dentada no antebraço, um beijo no

mesmo sítio (para curar a dentada), uma luta e um abraço. Não tenho a certeza se a ordem foi esta, mas terá sido aproximada.

O que senti na tua performance foi sobretudo de carácter sexual. A primeira coisa que me surpreendeu é que fiquei mais excitado com a dentada do que com o beijo. E o beijo foi bom, porque plantaste bem os lábios na minha pele. Mas a dentada revelou-se mais carnal.

O ponto alto foi a luta. Logo de início, surpreendi-me com a tua força e agressividade. Já não lutava com mulheres desde que pratiquei *aikido*, há muitos anos. Lembro-me de que havia mulheres com quem não me dava o mínimo prazer lutar – e aqui não falo de prazer sexual, mas sim do simples prazer de lutar – porque eram fracas e dóceis. Mas com algumas gostava de lutar porque eram fortes e agressivas. E aqui, sim, às vezes sentia também prazer sexual, ainda que residual porque reprimido. Foi o que me aconteceu contigo. A tua força e a tua agressividade cativaram-me e fiquei mais focado nelas do que no próprio acto de lutar. Lutei com contenção porque tenho enraizado que não se luta com mulheres e porque não te queria magoar, mas tentei manter um certo equilíbrio de forças. Acho que a luta terminou com a tua vitória, por cima de mim no chão, e aí, sim, senti prazer sexual por causa da posição e porque o contacto era muito íntimo.

Não tenho a certeza se o abraço foi o último produto que escolhi mas, se bem me conheço, faz sentido que tivesse sido, porque serviria para fazer as pazes depois da luta. Abraçaste-me com intenção. Senti bem o teu corpo contra o meu e os teus braços a apertarem-me contra ti.

Estavas a dar-te e isso fez-me sentir um conforto quase infantil.

F.S.

Assisti a quatro performances, duas no primeiro dia e outras duas no último. Gostei tanto da primeira – adorei as tuas expressões e a tua comunicação, e também de observar as reações dos participantes. Daí ter ido mais três vezes – e só mesmo para as “Promoções”, pois não quis repetir as restantes do evento *Silent City*. Na primeira participei tirando as cuecas e senti-me desconfortável (por estar a receber uma partilha sem dar nada em troca; por ser eu a expor a atriz/performer); mas também senti “agrado” por ter visto/conhecido outra parte do teu corpo.

Lembro-me de alguém ter pedido uma bofetada e não gostei – estava a presenciar um acto gratuito e agressivo. Na última sessão do primeiro dia lembro-me do pedido de um beijo, não me recordo se de um ou de uma participante. Achei divertida a utilização de película aderente e de o beijo ter sido intenso.

No último dia assisti ao pedido de luta por uma participante. Assustei-me pois ela era determinadíssima, violenta e muito empenhada em ganhar, mas tu controlaste-a e ganhaste, dando por terminada a luta. Essa pessoa causou-me desprezo e repulsa.

Achei interessante, cortês, a atitude do participante que te pediu o *soutien* e te virou de costas para o público, para não te expor o peito. Gostei de ver o chicote, bem como o abraço (carinho, partilha, comunhão). Na última sessão pedi chicotadas mas foram ligeiras pelo que pedi mais forte, mas fiquei a pensar que deveria ser na pele e não por cima da roupa.

Resumindo: ADOREI.

A.M.

O que teve mais impacto em mim na tua performance foi o teu silêncio. Parecias mostrar-te impaciente com a freguesia e achei isso cómico. Como se as pessoas não soubessem o que queriam ou fossem demasiado indecisas. Paradoxalmente, o teu silêncio dava-te poder.

Transmitia uma certa altivez. O silêncio, e os gestos impacientes. E enquanto esperavas, batias o pé ou cruzavas os braços como que dizendo-nos: “Decidam-se!”.

Mas o meu olhar era sempre de descoberta da Carla e não da personagem. Eu estava a descobrir-te enquanto estavas a trabalhar, estava a sentir uma força que ainda não sabia que tu tinhas. Estava a pensar nas possibilidades de uma relação contigo. Isso matizou sempre o meu olhar e fez-me ficar nervoso. Queria despir-te, mas não à frente de toda a gente. Queria beijar-te mas tive pudor, por isso encontrei uma forma disfarçada de te tocar, que foi a luta, a dentada e o beijo no braço.

Gostei de descobrir uma Carla que não conhecia, a interpretar um personagem. Senti que comigo talvez tenhas saído um pouco da personagem. Ou pelo menos foi esse o meu desejo. Se fosse uma desconhecida, provavelmente seria mais ousado, teria pedido beijos ou ter-te-ia despido.

S.L.

A dimensão das diversas acções comunicava espectros físicos e emocionais diversos e até antagónicos: estalo/beijo, por exemplo (estalo, carícia, chicotada, tirar roupa interior, beijo, estalo). Isso gerou uma dimensão lúdica imediata de edição (ou mesmo de um *remix*) de enquadramentos, de estados variados de um corpo, ou mesmo diversas situações ou contextos de vida.

Neste caso, e como te conheço, via-te mesmo a ti – via o corpo e a pessoa que estava ali.

Também gosto muito desta dimensão da performance; em geral, os corpos não são

personagens. Por isso não associei a uma personagem, só mais tarde é que pensei em outras personagens.

Depois do momento da exposição do teu corpo, ou melhor, da exposição do teu corpo por parte de outro espectador que se transformou em performer – retirando a roupa que vestias – é um momento interessante a diversos níveis, naturalmente pela tua beleza e magnetismo, e pela minha curiosidade em ver o teu corpo. O mesmo se passa com os restantes espectadores. Mas depois, duplamente, pela força e fragilidade da situação, neste caso a neutralidade da forma como reagias à situação gerava um misto de leituras e um jogo em que o poder ou a fragilidade saltitava entre quem te tirava a roupa e tu enquanto performer. Estou a falar no caso de te tirarem a roupa, que foi uma das acções que vi primeiro (no caso do estalo, da luta ou da chicotada, é o inverso).

Lembro-me de uma mulher te tirar o *soutien* e, para isso, tirou-te primeiro a camisola mas depois voltou a vestir-te. Ou uma outra acção em que uma senhora conseguiu tirar-te o *soutien* sem ter de despir-te a camisola. Foram a acção e os gestos da pessoa (quer tenham sido genuínos, ou condicionados por estar perante uma assembleia de outros espectadores) que geraram a dramaturgia – pela delicadeza, preocupação, protecção... Essa passagem em que o espectador participa e sai do estado de *voyeur* é também muito interessante pois permite que todos os outros vejam essa relação pessoal, ou mesmo íntima, e cada acção de cada participante é única, e por vezes comunicava algo contrário à acção do participante anterior. Isto também me gerou imagens relativamente às diversas dimensões da relação entre as pessoas – poder, fragilidade, passividade e submissão – dimensões que existem não apenas em relações amorosas mas também familiares, profissionais, etc.

Como inicialmente estava ainda a ver-te a ti, também me liguei às possibilidades de repetição de uma situação que tu própria já tivesses vivido; isso instalou rapidamente memórias de situações que eu vivi. Lembro-me bem de querer ver o estalo, depois de te pedirem as cuecas, pois estavas sem cuecas e só com camisola – o estalo dado por alguém a quem lhe tiraram as cuecas e as calças gera algo mais complexo do que simplesmente se a pessoa que der o estalo estiver vestida.

E depois, as acções podem ser divididas, ou em sequência... Por exemplo, no caso de vermos apenas a acção de um estalo dado por alguém que está despido da cintura para baixo: seria uma discussão conjugal?... pós, ou anterior a um momento sexual? Ou será que o estalo era uma reacção a uma ofensa? Ou será que era um preliminar sexual? Aliás, eu ia pedir-te o estalo mas alguém se antecipou e pediu outra coisa.

A situação de estares apenas vestida com a camisola recordou-me um momento pessoal com uma ex-namorada em que ela andava por casa só de camisola e nunca mais se vestia da cintura para baixo; era Verão e ela andava à procura de alguma coisa; depois começou a fazer outras coisas, e entretanto íamos falando de uma série de assuntos, etc... foi uma situação engraçada, até comentámos nós próprios, na altura.

Apesar do silêncio, a tua performance tem sempre um ponto de partida poderoso que inicialmente existe em ti, enquanto performer, já que tu mostras e pedes a cada um dos (ainda) espectadores para que escolham o que pretendem do menu. É uma acção muito forte, acho que precisamente por ser silenciosa, tem algo de muito intenso. Depois, quando o espectador renasce como participante e se torna também performer, e pede a acção, muitas vezes pela via verbal, e é como uma força – a palavra como uma ordem – que interrompe o silêncio. Havia pessoas que apenas apontavam, ou falavam com um tom menos poderoso – também achei isso muito interessante.

Por vezes estava só a ouvir os sons (quando estava no exterior da *blackbox*) e conseguia distinguir os sons da luta, ou os risos. Houve casos de grupos em que não falavam, apenas apontavam – o que denota que o grupo assumiu organicamente um comportamento ou um código: não falar.

Acho que a tua performance aparenta ser simples mas permite desdobramentos vários, várias situações mais complexas até; situações que começam com estalos e beijos e que se podem desdobrar em coisas mais complexas com objectos, etc. (por exemplo, ela atira os livros da cabeceira ao chão, ou pega no secador e aquece a almofada) e como até dava para ser aprofundada em algo mais complexo, em que existissem vários momentos só à volta da performance – por exemplo, só ouvir os sons numa sala ao lado, e depois entrar na sala onde se pode participar, mas eu assisti muitas vezes, etc.

E ainda existe outro aspecto que poderia gerar outras lógicas: poderiam existir de forma mais explícita acções que tu farias ao participante, e depois um outro menu com acções que os outros participantes te fariam a ti. Bom, não sei como seria, porque também é interessante como tu mostras com a expressão corporal que agora eles é que têm de fazer algo, ou que vais tu fazer ao participante.

D.G.S.

Escrevo bastante depois desta experiência. Lembro-me que na altura senti que o percurso tinha valido como um todo. A deambulação pelo espaço, aquele espaço, instituíam só por si uma dramaturgia própria, não necessariamente coincidente com a proposta por cada uma das

performances a que assisti. A tua performance trouxe-me algumas questões que me interessam, quer na relação com o performer, quer para o lugar dos participantes/espectadores.

A primeira foi a utilização de um meio ou suporte para substituir a comunicação verbal. Neste caso, era um menu com os vários artigos em saldo. Pareceu-me muito eficaz, não só para a economia da performance, reduzindo o peso da palavra, mas também para uma maior vinculação do público participante. A mim, sempre me interessaram este tipo de estratégias de comunicação em que o espectador/participante tem de tomar decisões e com elas, escolhe e influencia os acontecimentos.

A segunda foi a da intensidade. A tua atitude enquanto performer era muito presente, muito olhos nos olhos, e com um grande domínio da relação. Houve alguns compassos de espera e eles não significaram perda de ritmo por causa disso. Também, quando o espectador participante escolheu andar à luta, o que se seguiu foi mesmo um embate corporal fortíssimo sem nenhum tipo de modulação da intensidade. Essa tua segurança deu-me também confiança para ficar do lado de dentro da acção.

Uma terceira questão prende-se com o que eu vi, de forma diferente, com o que eu participei. Escolhi dois itens, um beijo e um abraço. Mesmo sendo uma pessoa que se sente à vontade com o palco, tive um instante de vulnerabilidade. A minha atitude de provocação com a escolha inicial, o beijo, desarmou-me. Senti tudo aquilo que as pessoas sentem quando se expõem diante dos outros sem estarem à espera disso: ridículo, inadequado. Foi importante para mim vivenciar essa fragilidade. Lembro-me que a partir desse momento olhei de forma diferente os outros participantes quando eles fizeram as suas escolhas.

J.P.N.

De uma forma geral, o conjunto de performances convida-nos a sair da rotina. (...) Para atingirmos a emancipação desse ritmo [da vida quotidiana] temos de atravessar um território que muitas vezes nos assusta: o do silêncio. A tua performance em particular pareceu-me um exemplo de como devemos julgar os propósitos desse ritmo, e porque razão nos empenhamos em mantê-lo.

De alguma forma, a retirada da palavra coloca uma barreira imediata na comunicação. E a palavra, pelo menos para mim, é como que a coluna vertebral do acordo, do entendimento, etc. O silêncio é, ademais, um espaço ou a atmosfera que criamos e que fica reservada à intimidade. É também um pilar da amizade. Aí, é-nos mais acessível comunicar sem palavras. Por exemplo, quando nos mostraste as opções de escolha, levaste-me a questionar os

propósitos – talvez gerais – da vida, sobretudo uma vida individual, em que a aquisição obsessiva atinge protagonismo no papel do consumidor. Ou seja, da criação de um conjunto de necessidades artificiais – ilusões, se quiseres – às quais está associado um preço.

Enfim, é uma concepção talvez um pouco vanguardista radical que provém da visão marxista, mas não me parece, neste caso, longe daquilo a que assisti. E, naturalmente, induzias as pessoas a tomar partido das opções que não envolviam preços, quando, no exterior, é nos serviços associados a preços que nos empenhamos.

Serviu-me como alerta para a pungência do toque, de encontrar espaço para a ternura ou para a briga, para aquilo que é genuinamente humano, e também primitivo, instintivo. Depois, o silêncio abre um campo de hipóteses tremendo.

Dava por mim a criar regras na tua performance, desde logo propondo quebrar com a ideia da repetibilidade. Do estilo: como aquele escolheu determinada opção – sem preço – ter-me-ei de despachar e escolher algo – também sem preço – que não implique algo que não me apetece sofrer neste tempo, neste lugar, como um estalo, um confronto físico. No fundo, julguei a possibilidade de cada opção ser escolhida somente uma vez. No silêncio, parece-me, criamos as nossas próprias regras.

F.A.

O silêncio e o desconforto, o “passar a bola” para o lado de quem vê – no sentido em que nada acontecia sem que estivéssemos envolvidos. O pensar que a coisa podia correr mesmo mal... Mas ao mesmo tempo (e posso estar enganado mas foi o que senti) via na tua cara uma despreocupação do género “o que fôr, será” – por isso talvez fosse mais preocupação minha, um medo meu. Nesse ponto, também a originalidade de incluir, não só o público na performance, mas também de lhe dar o “poder” do que ia acontecer a seguir – para além da originalidade do leque de escolhas.

Numa outra perspectiva, fiquei a pensar no que estava por trás, nomeadamente o facto de estarmos a pagar por coisas que são da relação das pessoas (alguma crítica ao mundo actual e à solidão por detrás dos ecrãs?... talvez esteja já a sobreanalisar, na expectativa de que tudo tenha um significado lógico).

Há ainda a questão da nudez, mas se queres que te diga, nem foi algo que vi como algo gratuito. Fiquei mais a pensar no ponto que referi anteriormente.

Z.M.A.

A tua performance surpreendeu-me. Num primeiro momento, pelo silêncio que a envolvia (apesar de haver comunicação com o espectador) colocando-me numa posição vulnerável face à escolha. Num segundo momento, pela expectativa que criava no espectador face à dúvida do que poderia acontecer. Em poucos segundos fomos confrontados com dádivas, vendas, afectos, violências – e tudo isto envolvido por um silêncio ensurdecedor que só era quebrado de vez em quando por alguma gargalhada.

R.B.

Algumas das experiências mais estimulantes para mim são os *happenings* porque me relembram o quão especial é saber que algo está a acontecer à minha frente e é novo, e que o privilégio de lá estar é poder ser um componente integrante disso. É a diferença entre ouvir uma história e passar por ela. É também a diferença entre recriar uma história e escrevê-la. O que o teatro interactivo acrescenta é que eu não sou um elemento estático: eu próprio estou a definir e sou de algum modo responsável pelo resultado. Isso, por si mesmo, torna ainda mais claro que o evento em si é um fenómeno do presente que está a ser guiado mas não está definido.

Pensando no *Silent City* e, em particular, no segmento em que a tu actuas, o que precedeu foi uma série de momentos em que nós próprios estávamos a ser desafiados a testarmo-nos e a descobriremos como é que reagimos perante situações sociais inesperadas, especialmente tendo em conta o pressuposto de que estamos na peça, não como actores, mas sim como plateia. Quando quebramos esta regra, entramos numa balança entre a nossa curiosidade, o nosso constrangimento, a confiança nos que nos rodeiam, a tentativa de prever o que será aceite pelo outro sem que isso tenha sido definido. Ao participar neste segmento senti-me agradavelmente tenso porque, num único momento, surgiram-me uma série de questões para mim incomuns.

Senti uma paranóia de que talvez alguém da audiência fosse um actor contratado, e vim a questionar se isso significaria que essa pessoa iria definir aquilo que eu posso ou não fazer na peça. Estou consciente de que, independentemente de se tratar de teatro interactivo, haverá limites – mas não sei quais são os limites. E mesmo que eu pudesse fazer algo bizarro e disruptivo, nem eu sei se me vou sentir confortável depois de fazer isso. Mas se calhar até vou gostar de me sentir desconfortável naquela situação em particular, embora à partida pareça impensável.

A própria avaliação da peça torna-se invulgar porque está totalmente dependente de questões muito pessoais relativas ao meu nível de conforto e desconforto, e é intimidante porque eu

deixo de ser um elemento externo e, assim sendo, estou a avaliar a minha própria performance.

O contexto da acção também nutre esse experiência de algo mais intelectual e não apenas de psicanálise. Estavas (tanto diageticamente como num sentido mais meta-textual) a oferecer serviços, algo que por si mesmo me leva a comprar de imediato esta interacção à prostituição e, de algum modo, ver o meu entretenimento como relacionado ou comparável ideologicamente ao sector do comércio sexual. Na verdade, não me parece que a temática esteja restringida a esse tipo específico de serviços; é produto de algo muito mais abrangente – uma lógica social universal.

Alguma da tensão ao interpretar a premissa deste segmento [performance] tem a ver com o desafio de nós próprios encontrarmos o sujeito em algo que é plenamente alegórico.

Conheço-te pessoalmente e a minha participação na peça foi pedir uma bofetada, que estava em promoção. O facto de te conhecer certamente teve influência perante esta experiência breve, mas o que senti foi algo interessante que só resultou do contexto específico da peça. Eu intelectualizei algo que é inteiramente físico e sensorial.

O momento em que me deste um estalo foi um momento em que me passei a sentir confortável contigo, de uma forma que não me tinha sentido anteriormente. Foi um gesto inteiramente violento mas o contexto em que foi feito mudou o seu significado. Fez-me compreender a diferença entre consentimento e conforto/confiança. Só foi um momento confortável, porque tanto eu como tu consentimos. Mas só senti confiança depois de receber a estalada. O consentimento cria o contexto que permite que haja conforto mas, por si mesmo, não cria conforto. Só um momento íntimo, depois de haver confiança, é que cria conforto.

D.S.